

1 – Doutor em Ciências
(FFCLRP/USP). Membro do
Laboratório Discursivo - E-
l@dis. E-mail:
guggrandini@gmail.com

2 - Graduação em Letras
(1988) pelo Centro
Universitário Barão de Mauá
de Ribeirão Preto. Doutorado
direto (2002) em Psicologia
pela Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão
Preto da Universidade de São
Paulo. Livre Docência (2009)
em Ciência da Informação
pela mesma instituição.
Coordenadora do Laboratório
Discursivo - E-l@dis. Bolsista
do Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e
Tecnológico (CNPq). E-mail:
luciliamasousa@gmail.com

O CANTO DA SEREIA: SENTIDOS ACERCA DA INTERNET EM REVISTAS SEMANAIS BRASILEIRAS

BASTOS, Gustavo Grandini¹
SOUSA, Lucília Maria Abrahão e²

RESUMO: Nesse trabalho, realizamos o estudo discursivo de duas revistas semanais de grande circulação no mercado editorial nacional, no caso, a Veja e a Galileu, ambas tendo como temática principal os perigos ofertados aos sujeitos-navegadores dos espaços da internet. Mobilizamos nesse trabalho as contribuições da Análise do Discurso de linha francesa (AD) para analisar os recortes que compõe nosso corpus discursivo, pretendendo observar como são discursivizados sentidos acerca de pontos negativos acerca da internet na mídia nacional. Nosso interesse é observar como o sujeito é afetado pela memória discursiva na forma como ele produz discursos acerca de um determinado tema, deslocando sentidos e produzindo rupturas e novos dizeres acerca de um assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Sentido; Revista; Internet.

ABSTRACT: In this paper makes the study of discourse in two large-circulation weekly magazines in publishing national, in this case, the Veja and Galileu, both having as main theme the dangers to the subjects offered, the spaces of the Internet browsers. Mobilized in this work the contributions of the french Discourse Analysis pecheuxiana the clippings that make up our corpus of discourse, intending to observe how the senses are discursivized about negative points about the Internet in the national media. Our interest is to see how the subject is questioned by the unconscious and discursive memory affects the way he makes speeches about a particular topic, shifting directions and producing new ruptures and sayings about an object.

KEY-WORDS: Discourse; Meanings; Magazine; Internet.

1 - INTRODUÇÃO

*E a novidade que seria um sonho,
O milagre risonho da sereia
Virava um pesadelo tão medonho,
Ali naquela praia, ali na areia.
(A novidade - Gilberto Gil).*

Nosso texto tem como objetivo a contenda discursiva de capas de revistas nacionais que realizam discussões acerca da Internet, mais especificamente, dos perigos que o sujeito acaba por expor-se no momento que realiza a exploração do ambiente virtual. Mobilizamos a fundamentação teórica da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), procurando observar como a memória discursiva (PÊCHEUX, 1999) possibilita a compreensão de sentidos que são enunciados sobre a Internet, permitindo entender a forma com que o sujeito contemporâneo estabelece relações nesse espaço (DIAS, 2004). Retomamos autores que estudaram a base histórica da Internet, procurando refletir sobre sua estrutura, o que é essencial para melhor flagrar o modo como os sentidos se constituem como dominantes quando falamos acerca desse espaço.

A apresentação das bases conceituais é indispensável para que seja possível a realização das análises discursivas do nosso *corpus*, composto por duas capas, ambas datadas do ano de 2009. A escolha não foi aleatória, sendo marcada pelos seguintes critérios no processo de seleção: a) revistas publicadas no país e que possuam grande circulação no território nacional; b) produzidas no ano de 2009; e c) que abordassem a Internet apresentando sentidos acerca dos seus perigos e possíveis problemas.

OS HORIZONTES DISCURSIVOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

O trabalho com a linguagem permite que o sujeito pesquisador enverede e mobilize um sem fim de autores e teorias possíveis. Tomamos a AD como teoria conceitual na qual nos embasamos para a produção de nossas considerações teóricas, analíticas e metodológicas. Tal teoria surgiu no fim dos anos 1960, fundada por Michel Pêcheux, tendo como tripé epistemológico: a Linguística, o

Materialismo Histórico e a Psicanálise. A base conceitual da AD ocorreu em um contexto histórico de efervescência cultural e de profundas transformações econômicas e sociais da França especialmente, permitindo que seu desenvolvimento fosse marcado como o de uma teoria de ruptura, visto que o interesse não é o de entender o que o texto ‘diz’, mas como ele ‘funciona’.

A AD caracteriza-se, como se vê, desde o seu início, por um viés de ruptura a toda uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, especialmente a lingüística, o materialismo histórico e a psicanálise (FERREIRA, 2003, p. 41).

As postulações teóricas da AD permitem que ocorra um distanciamento da concepção de interação discursiva apresentado em tradicionais esquemas da área de comunicação, no qual temos emissor, receptor, código, referente e mensagem. Isso ocorre, pois a AD não trabalha com a observação da comunicação como um processo quase matemático, visto que não é possível assegurar a decodificação de uma mensagem por um sujeito, como se ela fosse única e observada da mesma forma por todos, já que o campo da linguagem é movediço e durante a enunciação os sujeitos e os sentidos são sempre afetados pela ideologia e a memória discursiva (ORLANDI, 2009).

Na teoria de Michel Pêcheux (1990), o discurso afasta-se da visão estabilizada que se pretendia, para se apresentar escorregadio, polissêmico e plural. O discurso passa a ser entendido como o lugar privilegiado de observação dos dizeres dos sujeitos, espaço de movimentação, no qual “se intrincam questões sobre a língua, a história, o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p. 15). Assim, mais que o mero resultado do processo de interlocução, o discurso define a significação como afetada pela língua e a história. Define-se como:

Objeto teórico da AD (objeto histórico-ideológico), que se produz socialmente através de sua materialidade específica (a língua); prática social cuja regularidade só pode ser apreendida a partir da análise dos processos de sua produção, não de seus produtos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2011).

Inscrito em um espaço de tensão, o discurso é afetado por uma série de pontos que interferem na interpretação do sujeito,

permitindo que ocorram embates durante o diálogo (PACÍFICO, 1996). O choque entre os discursos é o que provoca o apagamento ou sustentação de um determinado discurso frente a possibilidade de tantos outros, nesse momento é que o discurso dominante se sobressai e um dado sentido é apresentado como o correto, o natural, o verdadeiro, ainda mais no espaço das informações jornalísticas que tanto pretende e apresenta-se como permeado por “objetividade, neutralidade, imparcialidade e veracidade” (MARIANI, 2006, p. 34).

Assim, a interpretação é atravessada pelo processo de produção de sentidos em um jogo tenso de dois movimentos possíveis: os sentidos dominantes, observados como naturais e representantes de um fiel retrato da realidade; e os sentidos de resistência que realizam movimentos de fissura e oposição ao observado como estabelecido. Pêcheux (1990) afirma que inexiste um sentido já dado. Ele é construído durante o processo de interlocução entre os sujeitos, sendo que o sentido de uma palavra ou frase se altera de acordo com as condições de produção discursiva. Isso justifica a ocorrência de sentidos distintos para uma mesma expressão ou palavra, permitindo ainda que ambos sejam igualmente evidentes de acordo com determinada formação discursiva (PÊCHEUX, 1997).

O sentido dominante pode ser rompido e outros sentidos podem emergir durante a construção discursiva, ainda mais no caso do discurso jornalístico, no qual “outros sentidos podem irromper de modo imprevisível, colocando espaços de resistência, dizeres marginais, campos semânticos indesejáveis e não legitimados em cena”. (ROMÃO, 2005, p. 242). A tensão entre o ‘mesmo’ e o ‘diferente’ (ORLANDI, 2005; 2009), através da paráfrase (saber sedimentado) e a polissemia (deslocamentos) atravessam a linguagem e produzem o jogo entre o mesmo e o diferente. O que permite a observação de um sentido como dominante ou de resistência é a ideologia que naturaliza determinados sentidos frente a tantos outros possíveis de serem formulados, assim como também afeta o sujeito no momento da enunciação. A ideologia é constitutiva da linguagem. Definida por Pêcheux (1997) como o mecanismo produtor de evidências, a ideologia

“se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história” (ORLANDI, 1997, p. 20). Isso permite que o sujeito tenha como ‘naturais’ a circulação de um dado conjunto de sentidos acerca da Internet e não de tantos outros possíveis de serem enunciados.

Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência (...) a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer (ORLANDI, 2009, p. 46).

A relação com a ideologia faz com que o sujeito tenha como certa e exata a posição discursiva que ele ocupa, trabalhando com a ilusão de que há uma equivalência entre os sentidos formulados e a realidade, entre as palavras e o mundo. A ideologia determina quais os efeitos de sentido que o sujeito pode movimentar para significar (PÊCHEUX, 1990).

A memória que se debate na AD é discursiva (PACÍFICO; ROMÃO, 2006). É a partir do acesso à memória discursiva, que se torna possível a realização da construção de sentidos outros em determinados contextos sócio-históricos. As palavras são inundadas de sentidos, significantes cunhados através das relações estabelecidas ao longo da história (PÊCHEUX, 1988), visto que as palavras não são nossas (ORLANDI, 2009). Dessa forma, ao enunciar o sujeito reestabelece os fios de memória que permitem que ele torne seu discurso permeado por legitimidade e compreensão dos outros (PÊCHEUX, 1999). Tomar o conceito de memória concebido no bojo teórico da AD é entender que para que seja possível que as palavras façam sentido é necessário que elas já tenham sido ditas em outro dado momento. Isso implica considerar que durante o processo discursivo temos furos, ruídos, erros de comunicação, já que a memória discursiva que sustenta o dizer do sujeito não é a mesma para todos, visto que o acesso e as formações histórico e sociais não são idênticas ou padronizadas (PÊCHEUX, 1990).

Esse postulado de que a linguagem não é o terreno da clareza nem da univocidade, mas palco de sentidos incompletos, obscuros e território de faltas, traz uma contribuição especial aos estudos sobre o discurso jornalístico, pois compreende e interpreta o lugar onde a informação e a mensagem se supõem onipotentes e seus autores, senhores de seu dizer. (ROMÃO, 2005, p. 233-234)

Esse modo de compreender que a mesma imagem e texto despertam sentidos outros em sujeitos distintos permite a compreensão de que temos desquites e partilhamentos discursivos que são contínuos no ato do discurso, gerando conflitos e rupturas que permitem que o espaço do discurso seja assim tão conflituoso e interessante. O sujeito assume uma posição discursiva que não é controlável, tampouco pode ser categorizada a partir de parâmetros sociológicos ou psicológicos, é posição no discurso, o que implica dizer posição social e ideológica que é inscrito em determinado momento histórico e que pode vir a ocupar novamente. Compreendemos que esta é uma posição dentre outras tantas possíveis, podendo movimentar-se e gerar o rompimento com os sentidos dominantes, e que inconsciente e ideologia operam aí o tempo todo. Nessa linha teórica, o sujeito não é a fonte do seu dizer, mesmo que ilusoriamente ele creia que seja. Assim, o espaço de filiação discursiva a dizeres já falados é que assegura a possibilidade de todo dizer, a ordem de que as palavras carregam sentidos sociais de seus usos

INTERNET: UM HISTÓRICO DE NOVAS POSSIBILIDADES DISCURSIVAS

O processo de criação da Internet teve seu desenvolvimento impulsionado pela tensão provocada no contexto da Guerra Fria e o confronto entre o modelo capitalista e socialista de governo dos Estados Unidos e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O governo norte-americano investiu maciçamente em um sistema eletrônico de comunicação que permitisse o rápido alerta entre os Centros de Investigação e Pesquisa do país no caso de algum ataque militar soviético, especialmente do tipo nuclear. O temor do confronto e das consequências possíveis de uma ofensiva militar, motivaram os grandes investimentos em ciência e tecnologia nesse

país, contando com um contexto favorável, no qual dispunha de pleno apoio de grande parcela da população americana (CASTELLS, 2003a).

Os investimentos realizados pelo governo norte-americano eram destinados ao Departamento de Defesa do país e repassados para a área responsável por sua execução, a *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), dentro dela foi desenvolvida a *Advanced Research Projects Agency Network* (ARPAnet) em 1967, que possuía como principal objetivo o incentivo a pesquisa da computação interativa. No ano de 1973 é lançado o artigo de Robert Kahn e Vint Cerf que debatia a estrutura da rede eletrônica (CASTELLS, 2003b; NOVAES; GREGORES, 2007), mas só na década de 1980 é que houve a apresentação do termo Internet. Em 1985, a *National Science Foundation* (NSF) realiza de forma vanguardista a interligação dos computadores que integravam seus centros de investigação científica. No ano seguinte, ocorre a conexão da ARPAnet a essa rede, que recebeu o nome de *National Science Foundation Network* (NSFnet), sendo considerada a principal estrutura da Internet no período, possibilitando a realização da conexão entre cinco grandes supercomputadores, o atrelamento dessas máquinas a essas duas espinhas dorsais, passou a ser compreendido como Internet (CASTELLS, 2003b).

Foi a partir do desenvolvimento da *World Wide Web* (WWW), pelo consultor de informática e físico Tim Berners-Lee que tivemos uma mudança da visão de uso da Internet. O desenvolvimento desse projeto teve como grandes pontos de motivação a necessidade de realização de pesquisas colaborativas entre cientistas do mundo todo, visando um maior avanço das estruturas de ciência existentes. Através da *World Wide Web* é que tivemos o imenso fomento da popularização da Internet no mundo.

Foi quando entrou em cena a *World Wide Web* (WWW), ou simplesmente Web, uma nova ferramenta também nascida no mundo acadêmico, que, aos poucos e por caminhos tortuosos, foi passando sobre as questões de dificuldade de uso, de abrangência das informações e de universalidade de acesso e acabou por transformar, de vez, os anos noventa na 'década da Internet' (CARVALHO, 2006, p. 126).

O ato de navegar na Internet permitiu novas possibilidades ao sujeito contemporâneo. Em um oceano de possibilidades, no qual não se tem uma rota, um caminho seguro, busca-se algo que permita uma mínima filiação e identificação, no qual se possa filiar e obter a sustentação de seu dizer, permitindo que se consiga atingir outros navegadores, estabelecendo uma relação de identificação e troca que seja fecunda. A melhoria das condições dos meios e tecnologias de comunicação e informação, através da efetiva consolidação da Sociedade da Informação, possibilitou a amplitude do desenvolvimento de uma série de mecanismos e estruturas vigentes. A Internet representa o ponto alto desse desenvolvimento comunicacional, sendo que com ela foi possível estruturar uma nova forma de pensar a informação em seus variados âmbitos de circulação, abrangendo novas formas de estrutura da circulação e variedade de dizeres e informações ofertadas (BRANSKY, 2004).

No caminhar desenvolvimentista, tivemos o surgimento de novos dilemas, complicadores sociais e históricos, assim como o agravamento de outras problemáticas já existentes. Discussões acerca da sociabilidade na rede e de seus novos contornos com os avanços tecnológicos modernos, passaram a ser fomentadas na Universidade. Questões como a comunicação em tempo real, o furto de informações, o vandalismo digital (que gera como consequências, os apagões de sistemas comunicacionais, *sites* governamentais e energia elétrica), a privacidade na rede, o desvio de dinheiro, o *cyber bullying*, a venda de produtos ilícitos como drogas e armas, crimes eleitorais, a difusão de vírus que danificam os computadores, lesando os arquivos, roubando dados e provocando danos na vida do sujeito navegador. Práticas como roubos e incitação a crimes existiam anteriormente, mas obtém na Internet uma nova infraestrutura e alcance de realização.

A Internet representa um fenômeno que não é apenas da ordem do técnico, mas plenamente do social, sendo que os sujeitos se relacionam, trocam informações e são permanentemente afetados

por esse universo (LEMOS, 2002). Novas relações são possíveis de serem estabelecidas e iniciadas com o advento da Internet, questões de ordem social, jurídica e política são (re)estabelecidas e (re)significada. Passamos a ter outras formas de estruturas de poder e controle social (DIAS, 2004).

A TENTAÇÃO DO CLIQUE: ANÁLISES DISCURSIVAS

Passamos agora a interpretação de duas capas de revistas que selecionamos, ambas publicadas no ano de 2009, sendo que uma é a revista *Veja* e a outra é a *Galileu*, no qual são discursivizados sentidos sobre a Internet, fazendo circular sentidos que apresentam essa tecnologia como um lugar de perigo, no qual, criminosos espreitam os navegadores que ali se encontram inseridos. Na capa da revista *Veja*, temos um jogo discursivo que trabalha com o interdiscurso ao retomar sentidos que falam do processo de navegação que o sujeito realiza toda vez que se aventura pelas águas turvas da infomaré. O sujeito navegador dos períodos antigos enfrentava tormentas, riscos naturais, piratas sanguinários e ainda se arriscava com medo dos lendários seres mágicos que permeavam as histórias envolvendo esse espaço. Atualmente, temos um novo tipo de navegador e ele é o internauta que se aventura pela Internet. Ele navega sem cartografia prévia desamparado de algo que assegure uma rota fixa na qual ele disponha de certezas de acesso, pontos de chegada e saída. As incursões são sempre surpreendentes, as direções e rumos que ele toma são sempre inéditos e a cada novo *login* temos sempre uma nova empreitada nesse oceano.

Anotamos que, na Internet, o sujeito obteve um espaço de inscrição que é inédito. Primeiramente utilizada em ambientes com fins direcionados ao trabalho com pesquisas científicas e o aprimoramento da comunicação para fins de desenvolvimento bélico, a Internet teve sua popularização com os avanços tecnológicos, que permitiram entre outras coisas, o barateamento tecnológico que tornou possível que os computadores portáteis e o ciberespaço passassem cada dia mais a integrar a vida de mais pessoas em nosso

planeta. No Brasil, de acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia), provenientes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2009, o número de residências no país com acesso à Internet alcançou a marca de 27,4% tendo dobrado em três anos, de 31,9 milhões (2005) para 67,5 milhões (2009). Esses números são importantes quando pensamos no grande número de brasileiros que se encontram à deriva na rede eletrônica e a outra grande quantidade que se encontra desconectada, excluída dessa virtualidade.

Novas necessidades e questões são ampliadas e mesmo criadas com as tecnologias, principalmente com as de Informação e Comunicação (TICs), a Internet não escapa desse caminho, ainda mais na Sociedade da Informação. A circulação de discursos que observamos da Internet é de uma ferramenta circundada de sentidos positivos, desenvolvimentista e que contribui de forma chave para os avanços nas melhorias das mais variadas áreas, como ecologia, educação e economia. Tais dados são importantes para a compreensão das condições de produção em que os discursos de e sobre a Internet são produzidos. Observamos como um sentido dominante esse que faz falar a Internet como um lugar de possibilidades e desenvolvimento, isso se observa em reportagens vinculadas em grandes espaços midiáticos que trabalharemos no escrito aqui desenvolvido. Os furos e perigos que a Internet expõe são muitas vezes relegados e silenciados nas grandes discussões acerca da temática, como por exemplo, o que tange as desigualdades e exclusões que afetam os sujeitos que não conseguem adentrar a Internet. É importante flagrar os movimentos de ida e vindas de discursos que enlaçam as discussões acerca da temática, como os que propomos realizar. Não desejamos estabelecer uma discussão maniqueísta acerca da Internet. Indo de encontro às palavras de Cebrián (2010) a Internet permite uma integração global, interatividade, rapidez e que possibilita uma convergência que é única e nunca antes saboreada, e, nas palavras de Jenkins (2009), vivenciamos a era da convergência. Julgamos ser importante pensar

os complicadores que são aqui fomentados, como os distanciamentos gerados, novas formas de circulação e transação financeira, novos tipos de desigualdade e o agravamento de tantas outras, alteração de estruturas institucionais tradicionais como o jornalismo e o estabelecimento de novos paradigmas em áreas como o direito e a educação.

Existe uma ressignificação do que é liberdade, real e virtual com a Internet. O sujeito, afetado pela ideologia, acredita que tem outro espaço há distância de um clique de seu *mouse*, tendo acesso a esse universo novo, no qual pode saborear prazeres inéditos e desenvolver possibilidades novas de amizade, felicidade, prazer, sexo, etc. A ideologia o interpela e permite que ele creia que ali é um território outro em que tem liberdade para expressar seus segredos, opiniões e o que bem entender, como se o que apresentasse ali fosse da ordem do particular, mesmo estando no público. O sujeito flerta com a aspiração de poder expressar suas opiniões e permanecer no anonimato. O virtual é identificado como um lugar outro, no qual as leis, os preconceitos, as possibilidades de dizer são outras, sendo afetado pela ilusão da liberdade e do mundo outro que, supostamente, permitiria que extravasasse sem medo de punições ou restrições, já que o sujeito crê que é um anônimo, que não possui laços com os outros nem com a lei, que possui a liberdade para agir como desejar. O fato é que ali não é um ambiente outro, tão independente como supõe o navegador e nem livre das imposições éticas ou jurídicas do real. Passemos ao primeiro material de nossas análises:

Figura 1 – Revista Veja (20/05/2009).



Fonte: Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/200509/capa.html>>.

Acesso em: 3 jun.

Observamos que ela escapa dos sentidos pelos quais a Internet é mais conhecida e falada na/pela imprensa, na qual é discursivizada como espaço de oportunidades e possibilidades de ganho financeiro, atividades de trabalho, novas relações afetivas, prazer, etc. Temos, na capa acima, efeitos de perigo, aos quais estão amarrados sentidos já dados pela memória discursiva religiosa sobre o que seja “tentação”. Temos um jogo que possibilita a construção enunciativa que postula a rede eletrônica como um grande oceano, no qual os navegadores modernos enfrentam uma série de tormentas no momento que realizam sua entrada nesse espaço e sofrem tentações.

No centro da página, temos a figura de uma sereia, ser mitológica que é metade mulher e metade peixe, na história, essa figura atrai os navegadores por sua beleza física e seu doce canto, levando-os ao esquecimento de seus caminhos e atraindo-os para o seu reino no fundo do mar. Ser encantado por uma dessas figuras era

sinônimo de desgraça e os navegadores temiam por suas vidas e riquezas quando se aventuravam pelos mares no período das grandes navegações humanas.

Nessa materialidade discursiva, a sereia atrai o olhar e seu toque indica o lugar exato que ela deseja que o sujeito caminhe e, inevitavelmente, caia em uma armadilha na Internet. A sereia ocupa a posição central da tela do computador, marcando sua importância, encontra-se prostrada ali, mas seu corpo não fica limitado ao espaço da tela, ela extrapola os limites impostos pelo monitor, marcando uma relação entre o real e o virtual, possibilitando a inscrição de sentidos que marcam a relação entre esses dois lugares, sendo que o que ocorre nesse universo de exploração eletrônica gera consequências na vida do sujeito navegador. O efeito de independência de um espaço para o outro é menos verdadeiro do que supõe ilusoriamente o sujeito.

A sereia e o computador entrelaçam-se, permitindo algo novo ao olhar do sujeito, no qual sentidos outros são vislumbrados por quem lê essa imagem. Na rede nem sempre o que parece ser é, o que se apresenta como tão evidente aos olhos do sujeito pode não ser tão belo, os olhos traem o sujeito, fascinado por ganhos pessoais de todas as ordens (novos espaços de amizade, dinheiro, ofertas, arquivos raros, etc) ele se arrisca sem pensar em mares que muitas vezes são mais bravios do que aparentavam ser e na exploração de territórios perigosos que aparentavam ser inofensivos, belos e atraentes, mas que na verdade escondiam riscos que prendem, desgraçam e destroem.

A inscrição textual “*A tentação do clique*” dialoga com as marcas apresentadas na capa, possibilitando efeitos que marcam o perigo nesse universo de pretensa beleza, retomando fios de memória que discursivizam o período das grandes navegações marítimas, nos quais existia o medo de navegar pelos mares ainda pouco conhecidos de nosso mundo e no qual os sujeitos navegadores se encontravam a mercê de seres fantásticos que possuíam como grande objetivo a destruição dos planos desses aventureiros, levando-os a desgraça eterna. São retomados sentidos de sedução nos dizeres

materializados na revista que nos trazem esse fio de memória, no qual o sujeito-navegador (entendido aqui como o sujeito que adentra o espaço do ciberespaço) está a mercê de “*mensagens irresistíveis*”, “*imagens sedutoras*” e “*ofertas de produtos*” quando adentra esse espaço perigoso, no qual o oceano de possibilidades e as tentações existentes são outras, mas não menos danosas para os navegadores contemporâneos.

O realce da palavra ‘*clique*’ em outra cor e tamanho destoantes do restante da frase, não é aleatório, mas uma marca discursiva que permite olhar de outra forma para o que é ali enunciado. É através do clique que o sujeito acaba por adentrar e perder-se nesse espaço, através dele o sujeito sucumbe as tentações existentes e acaba vítima dos perigos que assolam a rede. É o clique que leva o sujeito a aceitar o deslumbrante encantamento da sereia e (pode) terminar perdido ou afogado na rede. A inscrição textual “*A tentação do clique*” relaciona-se com as marcas da sereia apresentadas na capa, temos sentidos que marcam o perigo nesse universo de pretensa beleza, retomando fios de memória que discursivizam o período das grandes navegações marítimas, nos quais existia o medo de navegar pelos mares ainda pouco conhecidos de nosso mundo e no qual os sujeitos navegadores se encontravam a mercê de seres fantásticos que possuíam como grande objetivo a destruição dos planos desses aventureiros, levando-os a desgraça eterna.

Aqui são atualizados efeitos de sedução nos dizeres materializados na revista que nos trazem esses fios de memória, no qual o sujeito-navegador (entendido aqui como o sujeito que adentra o espaço do ciberespaço) adentrará um espaço perigoso, no qual o oceano de possibilidades é de outra ordem e também as tentações. Essa inscrição relaciona-se com as marcas da sereia apresentadas na capa, temos sentidos que marcam o perigo nesse universo de pretensa beleza, retomando fios de memória que discursivizam o período das grandes navegações marítimas, nos quais existia o medo de navegar pelos mares ainda pouco conhecidos de nosso mundo e no qual os sujeitos navegadores se encontravam a mercê de seres fantásticos

que possuíam como grande objetivo a destruição dos planos desses aventureiros, levando-os a desgraça eterna. Tais efeitos de perigo são atribuídos ao oceano de possibilidades que a Internet oferece, e ficam marcados discursivamente por sequências como: “*mensagens irresistíveis*”, “*imagens sedutoras*”, “*ofertas de produtos*”, “*roubam senhas*” e “*vírus que destroem arquivos*”. Existe uma tessitura que relaciona a imagem da sedutora sereia com o título da capa, deixando um rastro discursivo que relaciona esse espaço a sentidos outros, dentre os quais residem o perigo e a ameaça.

A Internet é observada como um lugar outro, que acena para o sujeito com possibilidades outras a cada navegação, já que os caminhos sempre são outros a cada inserção do sujeito na Internet, a cada login uma nova viagem exploratória que conduz o sujeito por novos mares, em que muitas vezes o caminho traçado pouco tempo antes já inexistia, novas rotas são estabelecidas ou mesmo o que antes existia e parecia tão seguro já foi apagado, inexistindo uma carta cartográfica de rotas e tormentas que existem.

Navega-se na rede sem uma rota segura e linearmente traçada; sabe-se, talvez, a origem, mas não se sabe onde se vai chegar diante do emaranhado de nós ligados por conexões entre palavras e links na rede (ANDRADE; OLIVEIRA, 2007, p. 2).

Esse lugar que é permanentemente outro, que assume outras formas a cada entrada em seu espaço é capitaneador. Marcamos que a construção discursiva realizada trilha o caminho de trabalhar com um jogo discursivo que atua com a memória discursiva que afeta as construções linguísticas do sujeito, visto que permite o deslocamento de enunciados, seu uso em outros contextos, mas permite que no tecer das construções discursivas o sujeito desloque enunciados para outros espaços de dizer e observe outros jogos de sentidos. Temos aqui a instituição de sentidos que postulam a Internet como um grande oceano, como observado nos rastros discursivos que marcam a revista em inscrições como a sereia que é posta no centro da publicação dentro do computador, em uma costura que os relaciona, assim como nos dizeres “*navega*” e “*águas perigosas*”.

A beleza feita de *bytes* atrai o navegador contemporâneo no oceano da Internet. Um clique pode corresponder a um naufrágio do navegador, que ao seguir o instinto de se entregar a tentação apresentada acaba sofrendo prejuízos. O sujeito está em um espaço de mudanças permanentes, no qual a pretensa elaboração de uma cartografia não é possível, o desejo pelo seguro, pela rota que não falha, não possui furos não é permitida. No momento que adentra a rede, o sujeito está diante de um novo caminho, uma rota sempre outra, que permite a descoberta de novos territórios ali existentes que no próximo clique podem não mais existir.

No segundo recorte, temos a Revista *Galileu*, publicada em dezembro de 2009, no qual sentidos de criminalidade são relacionados à Internet.

Figura 2 – Revista *Galileu* (dezembro de 2009).



Fonte: Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,ECP374-7833.00.html>>. Acesso em: 5 jun. 2011.

A revista *Galileu*, assim como a *Veja*, marca os efeitos de perigos da/na Internet. No lugar da sereia prostrada na capa, temos uma pistola apontada para o leitor, no caso, uma pistola diferente, na realidade, essa arma não existe, seu cano não tem a saída de uma

munição que seja possível de comprovação na realidade, mas tem o formato de um adaptador de *Universal Serial Bus* (USB), que permite a conexão em máquinas digitais, como câmeras, computadores e equipamentos tecnológicos diversos. A munição que permite o uso desse armamento é feita através de um cabo *USB* suspenso que unirá a pistola do criminoso a da vítima em potencial, permitindo que o criminoso interpele o sujeito no ambiente virtual e se aposses de pontos que sejam importantes para o navegador, como sua senha e seu dinheiro. A estrutura USB é resignificada como uma possibilidade de utilização negativa, que não vai permitir a mera circulação de arquivos que o sujeito deseja que circulem, mas ser o elo que permitirá que o sujeito interpele de forma violenta o outro, produza efeitos de ameaça.

O rosto do criminoso não aparece na imagem, o que nos remete a noção de que não se pode ser descoberto na Internet, preservando o anonimato da identidade verdadeira do internauta, o que permite a falsa ilusão da total liberdade de ação por parte dos criminosos da rede, os nomeados '*ciberbandidos*' criminosos inscritos e filiados ao espaço virtual. A identificação de um criminoso no espaço da Internet é uma ação complexa que faz necessária o uso de conhecimentos e mecanismos de informática e tecnologia. A pistola é empunhada por uma mão que não é verdadeira, o que permite observar os efeitos de invisibilidade que o sujeito ilusoriamente crê vivenciar sua imersão nessa virtualidade. Além disso, encaram a Internet como um lugar outro, distante e não relacionado com as questões éticas, jurídicas e morais que são observadas no mundo real.

Cots (2006) constata que existe certa sensação de impunidade no ambiente da Web, pois a maioria dos internautas encara este território como livre. São poucos os envolvidos no Brasil que obtiveram condenações exemplares, e assim os abusos são cometidos sem a justiça condenar crackers e quaisquer outros ilícitos praticados (ISONI; VIDOTTI, 2007)

Os sentidos de liberdade e impunidade permitem colocar em xeque o livre agir na trama virtual, sem a ocorrência do medo do punitivo. Isso gera novas perspectivas de atuação criminosa, mas não

apenas isso, permite a inscrição de novos sentidos, muitas vezes silenciados por determinados sujeitos, ganhando uma nova arena de exposição, e que são compreendidas pelo campo jurídico como ilegais. Observamos que temos outros crimes, como injúria e racismo praticado por esses sujeitos, que acreditando ter um espaço de liberdade ali existente publicam seus conteúdos, muitos dos quais não fariam no que entendem como mundo real.

A marca “*crime virtual*” instaura outro efeito de sentido. A arma apresentada não existe no mundo real, no universo de crimes da Internet não se usam armas de fogo. Por meio dos efeitos da memória discursiva temos a arma que atualiza o movimento de violência, que demonstra força por parte do bandido e permite a realização de atos de brutalidade. Esse rastro discursivo possibilita mais uma quebra da estrutura que fomenta esse lugar como um espaço de tranquilidade. O crime ganha novas possibilidades com a Internet. A sensação de liberdade e não restrições que marcam esse(s) território(s) possibilita que ele aja com mais tranquilidade e sem a necessidade de uso de armas de qualquer tipo, só necessita de uma ferramenta que permita a conexão com a rede eletrônica, seu instrumento de ação é realizado por meio desse elo de conexão e de seu conhecimento acerca dos sistemas ali existentes. Esses criminosos são nomeados como ‘*ciberbandidos*’, envoltos em discursos de potência observados através das marcas no texto, como “*cuidado!*” que assim como “*crime virtual*” se encontra em negrito e realça os efeitos de perigo que marcam o estar na Internet, o poder que esses criminosos possuem, visto a imensa lista de possibilidades de atos criminosos são possíveis de serem realizados. Essas marcas discursivas marcam um sujeito envolto em possibilidades grandiosas e muitas questões criminosas, afinal ele pode “*assaltar*”, “*invadir*”, “*roubar*” e “*apagar*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM PORTO DE ENTREMEIO

O sujeito obteve um espaço de inscrição muito interessante com o advento da Internet. Possibilidades de postulação de dizeres e a movimentação de sentidos que anteriormente não obtinham espaço

para circular nos espaços mais tradicionais. Ela permitiu a (re)aproximação de amigos, o estabelecimento de novos vínculos, prazeres, oportunidades financeiras, inscrição da língua com o internetês, fomentou o desenvolvimento de novas oportunidades de trabalho e uma série de outras possibilidades na contemporaneidade. Passou a existir um universo de exploração rico ao sujeito da contemporaneidade, no qual ele se aventura diariamente por mares bravios e se encontra sujeito a intempestividades sempre novas, seja afetado por questões da ordem do tecnológico ou na relação com o outro.

Simultaneamente a esse lugar de incríveis descobertas e possibilidades, temos um lugar de marcas de violência, no qual o sujeito se encontra a mercê da ação criminosa do outro, que pode provocar grandes danos. Ao estabelecer sua inscrição e entrada na rede, o sujeito se põe a perigo da ação do outro que pode invadir o território que ele acredita ser só seu, tomando de assalto sua conta bancária, correspondência pessoal e mesmo seus dados pessoais. Da mesma forma que os antigos navegadores não sabiam qual seria o próximo perigo que enfrentariam, o internauta permanece nessa dúvida, muitas vezes interpelado por um sujeito que ele não sabe quem é, que no anonimato da rede busca praticar atos criminosos crendo na falsa ilusão de liberdade que ele crê existir ali. A observação dos pontos de perigo que existem e integram a rede permite observar esse objeto de outra forma, escapando de um maniqueísmo infantil e jogando com um espaço que possibilita interessantes possibilidades, mas inquietações e perigos igualmente fascinantes de serem pensados.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Alaíse Maria Carrijo Ramos e; OLIVEIRA, Maria Regina Momesso de. Blogs jornalísticos: entre discursos e subjetividades. In: Encontro Nacional sobre Hipertexto, 2., 2007, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 25-27 out. 2007, p. 1-15. Disponível em:

<http://www.ufpe.br/nehte//hipertexto2007/anais/ANAIS/Art06_Andrade&Oliveira.swf>. Acesso em: 7 set. 2010.

BRANSKY, Regina Meyer. Recuperação de informações na Web. **Revista Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 70-87, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.marlidias.pro.br/Artigos/RecuperacaoInfoWeb.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2011.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. 2006. 259 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Niterói, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003a.

_____. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Denis de (Org.) **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003b.

CEBRIÁN, Juan Luis. **O pianista no Bordel: jornalismo, democracia e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

COTS, Marcio. **Crime virtual é crime real**. Wnews, 28 ago. 2006. Disponível em: <http://wnews.com.br/site/colunas/materia.php?id_secao=9&id_conteudo=281>. Acesso em: 13 abr. 2010.

DIAS, Cristiane Pereira. **A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv**. 2004. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, 2004.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. **Revista LETRAS**, Santa Maria, v. 27, p. 39-46, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_3.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708>. Acesso em: 8 set. 2010.

ISONI, Miguel Maurício; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. E-crime em ambientes digitais informacionais da Internet. **Datagramazero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2007. Disponível em: <http://dgz.org.br/abr07/Art_02.htm>. Acesso em: 02 jul. 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethania. Sentidos e subjetividades: imprensa e psicanálise. **Polifonia**, Cuiabá, v. 12, n. 1, p. 21-45, 2006. Disponível em: <<http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/131.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2011.

NOVAES, Sérgio F.; GREGORES, Eduardo de M. **Da internet ao Grid: a globalização do processamento**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Paulo: Claraluz, 2005. p. 75-88.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 8 ed. Editora Pontes: Campinas, 2009.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Os fios significativos da história: leitura e intertextualidade**. 1996. Dissertação (Mestrado) - Unesp, Araraquara, 1996.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 73-90, jan./jun. 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, 1990. p. 7-24.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-56.

RODRÍGUEZ, Carolina. Sentido, interpretação e história. In: ORLANDI, Eni. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Mais de perto, mil faces secretas sob a face neutra: considerações sobre a heterogeneidade no discurso jornalístico. **Signótica**, v. 17, n. 2, p. 233-250, jul./dez. 2005.